

Qual Hefesto ou Afrodite¹

2

O objetivo deste capítulo é, por intermédio das modalidades do possível e do necessário, segundo Piaget, traçar um paralelo entre o mito de Hefesto e Afrodite e a construção das formas e dos conteúdos pela criança.

Conta-se (cf., por exemplo, Bolen, 1984/1992²) que Afrodite, deusa da beleza e do amor, era casada com Hefesto. Mas ela não amava os homens; por isso usava-os, substituindo-os entre si, segundo sua escolha, apenas para exercitar a beleza e o amor. Hefesto, por ser o marido, era certamente quem mais sofria. Sofrimento maior ainda, visto ser coxo e desajeitado. Desejoso de provar aos deuses sua triste sina, construiu uma rede para aprisionar Afrodite com seu eventual amante. Conta-se, também, que os deuses riram de sua vã ilusão e que Afrodite, fugidia e efêmera, continuou sua vida de espalhar a beleza e o amor sobre todas as coisas e, de zelosa, garantir que ninguém mais o fizesse melhor que ela.

Hefesto, em sua tentativa de aprisionar Afrodite, não se saiu tão mal. Mesmo desajeitado, conseguiu ser o artesão mais ilustre, o preferido dos Deuses. Tornou-se artista, porque ao tentar aprisionar

-
1. Escrito para Monique Deheinzelin, no contexto do projeto educacional, que ela coordenou para a Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia, em 1992.
 2. Adotarei neste livro o critério de indicar, sempre que necessário, duas datas: a primeira se referirá à edição original do texto e a segunda, à publicação consultada.

Afrodite, pôde interiorizar sua “forma”, ou melhor, os critérios (ou exigências) dela. E, a partir de então, seu desafio era: em cada peça de artesanato superar cada vez mais suas deficiências e, ainda que em vão, dar à peça algo que lhe recordasse sua deusa, ou a imagem dela que, então, Hefesto tinha dentro de si e que, em homenagem a ela, tentava tornar visível, nos seus trabalhos, para todos os homens.

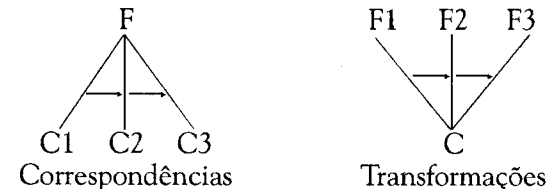
O trabalho de Hefesto é comparável àquele que Piaget (cf., por exemplo, 1936/1970) nos conta a respeito da importância da construção de esquemas de ação para a criança. Se for tomada em sua própria perspectiva, a criança nasce “coxa” e “desajeitada” para os imensos desafios que enfrenta nas inevitáveis trocas que estabelece com o mundo e com as pessoas. Mormente com sua mãe, essa “Afrodite” com a qual, ao menos em nossa sociedade, a maioria das crianças já nasce “casada”. O termo “coxo” lembra-nos todas as insuficiências das habilidades motoras, sensoriais e principalmente simbólicas da criança, no contexto dessas trocas. O termo “desajeitado” lembra-nos a insuficiência de suas coordenações.

Qual Hefesto, a criança terá que construir esquemas de ação. Piaget (1981/1985 e 1983/1986) descreveu-nos duas modalidades que ela utiliza nessa construção. Uma delas são os “possíveis”, por intermédio dos quais a criança “compreende” o objeto, ou melhor, sua forma, ainda que circunstancial. A outra é o “necessário”, por intermédio do qual a criança “estende” suas ações, coordenando-as no espaço e no tempo, formando novos esquemas.

Compreender algo como um objeto significa transferir para ele, ainda que por correspondência, os conteúdos de nossas ações, que lhe são aplicáveis. Se esses conteúdos são insuficientes, quantitativa ou qualitativamente, como acontece com a criança pequena, a condição dessa compreensão é diferenciar os esquemas, é criar novas possibilidades, ou permanecer na primeira fase de Hefesto, incapaz ainda de reter sua fugidia e caprichosa Afrodite. Assim, fazer de outro modo, encontrar uma solução diferente para uma tarefa difícil, recombinar coisas conhecidas, ousar ir além dos limites; enfim, aprender sofrendo os desafios dessa travessia, são condições para “aprisio-nar” – por nossos esquemas de ações – aquilo que corresponde ao que é próprio de um objeto, ao que lhe dá forma, ou lhe define os limites. Tarefa nada fácil, insisto, para uma criança pequena.

Estender algo como um esquema de ação significa poder abstrair das formas dos objetos um conteúdo comum a eles. Significa descobrir, criando um novo esquema, o que lhe é necessário ou invariante. Hefesto, em sua trajetória para conquistar Afrodite, pensou na rede como correspondente a duas de suas necessidades: primeiro, provar suas freqüentes traições (no ponto de vista de Hefesto), e segundo, retê-la – com sua infinita beleza e com seu eterno amor – só para ele. O ponto de chegada, já o sabemos, foi que Hefesto, não logrando reter Afrodite, apreendeu dela a beleza e o amor (forma sempre buscada de relacionamento com um outro ou consigo mesmo) como conteúdos, então necessários aos seus esquemas de ações. Ele, que se tornou o artista preferido dos deuses e dos homens.

Em síntese, para construir algo como uma forma é necessário que os conteúdos da ação diferenciem-se, multipliquem-se criativamente, tornando, assim, possível sua assimilação como algo novo. Para tanto, as transformações das ações estão subordinadas às suas correspondências com o objeto, cuja forma trata-se de fixar como imagem, gesto, utensílio, texto, obra de arte, etc. Para construir algo como um conteúdo, a criança, por suas ações, deve retirar das diversas formas que o expressam, aquilo que lhes é comum, que lhes dá coerência (lógica ou estética), que se conserva de uma forma para outra. Assim não fosse, como retiraríamos das coisas estruturadas como objetos as formas que as caracterizam: sua natureza colorida, bela, ordenável, quantificável, etc.? As figuras que transcrevo a seguir foram utilizadas por Piaget (emprestadas de Gil Henriques) para analisar este trabalho de tornar possível a compreensão de uma forma, pela diferenciação dos conteúdos; ou de tornar necessário um conteúdo pela ampliação das formas que o caracterizam:



(F = formas / C = conteúdos)

(Retirado de Piaget, 1980, p. 10)

Quem diz construção de formas e conteúdos por meio de “possíveis” e “necessários”, diz atribuição de significação a um objeto, cujas formas e conteúdos são assimilados pelos correspondentes esquemas de ação. Voltando às nossas metáforas, trata-se – como no desafio de Hefesto – de se apropriar simbolicamente daquilo que é de Afrodite (a beleza e o amor). Qualidades que, pertencentes a ela, seriam impossíveis (no sentido de diretamente inacessíveis) para Hefesto. Ele superou essa impossibilidade construindo esquemas melhores que os anteriores. Para isso, teve que criar ou formar símbolos na tripla condição exigida por Piaget (1946/1978): 1. imitar, mesmo que parcialmente, algo que era de Afrodite, 2. criar, qual um jogo, novos significados para os objetos de que dispunha para isso e 3. assim, poder representar (como linguagem plástica, no caso) algo pertencente a ela. Em outras palavras, no símbolo, na linguagem, na sua arte, Hefesto pôde juntar forma e conteúdo, além de – por intermédio de suas ações – sentir-se “visitado” por sua deusa.

É pena que muitas vezes, na escola, “Hefesto e Afrodite” só possam estar “casados” como em sua primeira fase: ele, em suas ações (ou conteúdos), desajeitado e coxo, buscando a linda e querida Afrodite, com suas errantes e fugidias formas perfeitas. Os Hefestos são nossos alunos, com tantos problemas de aprendizagem, que não encontram sentido naquilo que fazem, desanimados pela busca insensata dessa Afrodite, que apenas vislumbram, em seu inacessível horizonte. Esta representa nossas ciências e técnicas, que se pretendem verdadeiras e eficazes, mas que “falam” em uma linguagem incompreensível para nossos pequenos Hefestos. Incompreensível porque adulta, formalizada, dissociada enquanto forma X conteúdo e que, em certos momentos, apresenta-se como pura estrutura (conceitos) e, em outros, como pura variabilidade (predicados). É pena que nós professores não saibamos compartilhar com nossos alunos seu processo de construir esquemas simbólicos, graças aos quais possam conquistar, nos moldes de Hefesto, essa Afrodite, sem a qual nossa sociedade haverá de tratá-los como cidadãos de segunda ou terceira classe. Mas se ela (a sociedade) realmente pretendesse algo comparável à solução de Hefesto, seria bom que valorizasse, já na Escola de Educação Infantil, algo como o que tentei esboçar aqui. Muitas coisas me permitem vislumbrar que caminhamos nessa direção e as formas e os conteúdos, que promovem o desenvolvimen-

to da criança, estão podendo ser trabalhados de uma maneira mais indissociável e relacional. Ou seja, enquanto algo possível e necessário para a criança, tanto em esquemas de ação, quanto em esquemas simbólicos. Qual Hefesto e Afrodite.

Referências bibliográficas

- BOLEN, Jean Shinoda (1984). *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. Trad. Maria Lydia Remédio. São Paulo, Paulinas, 1990.
- PIAGET, Jean (1936). *O nascimento da inteligência na criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- _____. (1946). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PIAGET, Jean *et alii*. *Recherches sur les correspondances*. Paris, Presses Universitaires de France, 1980.
- _____. (1981). *O possível e o necessário*, Volume 1: *Evolução dos possíveis na criança*. Trad. Bernardina Machado de Albuquerque. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- _____. (1983). *O possível e o necessário*, Volume 2: *Evolução dos necessários na criança*. Trad. Bernardina Machado de Albuquerque. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.